

As sete vidas de Nelson de Matos

Um dos decanos da edição portuguesa lança-se a solo numa aventura editorial vocacionada para a publicação de autores portugueses

Quando a agitação fazia parte do seu quotidiano, Nelson de Matos mal se atrevia a sonhar com uma vida mais calma. Hoje, muitas reviravoltas depois, o editor literário entrou num novo ciclo de vida. As Edições Nelson de Matos, nome de guerra de uma nova aposta na área da edição nacional, consomem-lhe algum tempo e dão-lhe asas aos desejos mais recônditos, mas sempre dentro de uma escala equilibrada.

O velho tigre agora caça sozinho, em cenário familiar. Depois das aventuras da Dom Quixote, editora que foi sua durante duas décadas e na qual cumpriu os objectivos de engrossar um catálogo de referência, passou pela Âmbar, no Porto, até regressar àquilo que melhor conhece.

Dentro de casa, um espaço amplo situado no centro de Lisboa, Nelson de Matos criou o seu escritório e as próprias rotinas de trabalho. "Fazem-me muito essa pergunta de usar o nome próprio no nome da empresa. Não é uma questão tão invulgar como isso, mesmo cá em Portugal. E foi um bocadinho que quis que este trabalho fosse: que tivesse um rosto, um nome e uma herança, que são os meus 30 anos de trabalho noutras casas."

"É uma estrutura elementar. Sou eu próprio que dou as indicações, que mando em mim, que estabeleço o meu horário. Não que isso não tivesse já sido assim na Dom Quixote quando a empresa foi minha, mas aqui é tudo mais elementar", explica à Focus. Conta que, trabalhando sozinho, tem aprendido muitos aspectos do trabalho de edição, que antes eram divididos pelos diversos elementos das equipas que coordenava. Desde escolher o tipo e corpo de letra a acompanhar as provas à gráfica, tem tomado contacto com outras realidades que acabavam por se diluir.

A vocação da novíssima editora é a publicação de autores portugueses. Nelson de Matos explica porquê: "Como durante estes 30 anos o meu trabalho editorial foi muito centrado sobre a lite-



Paula Alvares

ratura e no trabalho com autores portugueses foi dizer às pessoas 'está aqui esta marca e é o que vou continuar a fazer'. Portanto, vou tentar predominantemente trabalhar com autores portugueses. O sinal está já nos primeiros três livros – o do Cardoso Pires (ver caixa); um livro sobre a infância, com prefácio do António Barreto; e um livro com um jovem historiador, António Almeida, também com prefácio de um autor português, o professor Fernando Rosas."

A vantagem desta estrutura leve como uma pena reside, segundo ele, na

aquisição de independência. "Faço os livros que quero, ninguém me pede resultados, sobretudo como agora se planeiam os projectos editoriais das empresas que já não são por títulos e autor mas pelas tiragens e pelas vendas. Esses compromissos não os tenho. Faço livros se me apetece fazer livros e se há livros bons para fazer", afirma categórico.

Quanto à recente concentração empresarial de diversas editoras nacionais, entre as quais a Dom Quixote, dentro de grupos de maiores dimen-

sões, diz que era "inevitável que acontecesse". "Vamos ver agora o que cada um dos grupos constituídos vai fazer dos livros, dos autores e da actividade editorial."

Tem uma visão positiva sobre as perspectivas que podem abrir-se às pequenas editoras como a sua. "A concentração abre nitidamente um espaço onde cabem editoras como a minha ou um pouco maiores, que podem fazer um trabalho mais minucioso e artesanal, mais ligado directamente aos autores e que os grandes grupos não podem fa-

O PRIMEIRO LIVRO

Um texto inédito de José Cardoso Pires "apadrinhou" a estreia da nova editora de Nelson de Matos

Lavagante é o primeiro livro que lança o nome da nova editora para o mercado. É um texto inédito de José Cardoso Pires, um grande amigo de Nelson de Matos, desaparecido há quase dez anos. "O *Lavagante* é um texto dos anos 1960, cujos materiais disponíveis são muito reveladores daquilo que era o trabalho do José Cardoso Pires sobre a escrita. Existem várias versões manuscritas, várias versões dactilografadas. Este texto foi escrito como se escreve um poema. Não há nenhuma palavra que lá esteja que possa ser substituída. Foi um trabalho minucioso de escrita como era habitualmente o

trabalho dele." Na opinião de Nelson de Matos, o texto falava da censura e a sua publicação foi sendo adiada pelo escritor e depois do 25 de Abril de 1974 acabou por ser abafado por outros projectos e ficou esquecido na gaveta. "É um livro que prezo muito por ser o primeiro. Tenho muito orgulho em que tenha sido o José Cardoso Pires", diz o editor. E conta algo que uma das filhas do falecido escritor lhe disse há pouco tempo: "A Ana Cardoso Pires dizia-me 'tenho a certeza de que se não pegasses nisso, se o meu pai fosse vivo te escreveria um original de propósito para a editora'."



Livros em português: João Miguel Almeida, Sarah Adamopoulos e José Cardoso Pires

"Tenho muito orgulho em que o primeiro livro a ser editado seja de José Cardoso Pires"

zer". Porquê? Diz que essas estruturas maiores têm de concentrar-se nos *bestsellers*, que lhes permitem alimentar a máquina empresarial.

Apesar de tudo, tem a convicção de que a figura do editor tradicional, que incorpora, "está em extinção em todo o mundo". "Este é um trabalho de minúcia, meio artesanal, e o mundo não está voltado para aí. Enquanto durar vamos-lo fazendo, mas o estar sentado com um autor a discutir um texto, o emendar, o fazer outra vez, o procurar arrumar o texto dentro de um projecto

mais vasto que a editora tenha, hoje já ninguém quer saber disso. As pessoas preocupam-se é com as receitas e as vendas e com os resultados", lança.

Uma postura que Nelson de Matos espera combater com esta aposta do coração. Acredita que a editora tem potencial para crescer, mas diz que nunca mais deseja estar à frente de uma casa de grandes dimensões. "Será tudo mais calmo", conclui com um sorriso.

PAULA MACEDO